

TESTO JUNKIE: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.

RESENHA¹ DA EDIÇÃO EM LÍNGUA INGLESA, 2013.

INTRODUÇÃO

Testo Junkie foi originalmente publicado como *Testo yonqui*, em Madri, Espanha, no ano de 2008. Em língua espanhola, a palavra yonqui significa “drogado, viciado”. A versão em língua inglesa foi traduzida direto do francês e publicada em 2013 nos Estados Unidos. No Brasil, a primeira edição em língua portuguesa é de 2018, e mantém-se Testo Junkie como título principal.

Paul B. Preciado possui muitos nomes. Aqueles que confere a si mesmo, inspirado em suas próprias construções, e aqueles que lhe atribuem de fora, a depender da necessidade de interpretação da sua identidade de gênero. No entanto, mais importante em Testo Junkie é a ficção política que se produz ao mesmo tempo em que as experimentações estéticas ganham o corpo. Com personalidade autoral impactante, a obra atravessa a filosofia política, teoria queer, feminismo, arte performática e ficção.

Testo Junkie alterna capítulos de uma “biografia” em tempo real, na qual Preciado compartilha com seus leitores uma experiência de intoxicação voluntária com a testosterona, durante 236 dias e noites. Ao longo dos ensaios, Preciado reutiliza conceitos filosóficos para desconstruir noções naturalizadas do sexo, da sexualidade e do corpo humano, no interior de um regime de regulação social muito bem descrito. A *era farmacopornográfica* é o contexto de uma crítica política do capitalismo, e de um experimento subversivo do sexo-gênero. Ao assumir o seu próprio protocolo de administração de testosterona, durante 236 dias e noites, e desobedecer a normas vigentes para processos de transgeneridade, Paul B. Preciado evoca uma experimentação bioquímica, e desconstrói teorias do sexo- gênero em seu corpo.

Com isso, Preciado torna possível o relato filosófico da série desses acontecimentos, forjando um novo corpo sexuado e teórico. O conjunto de normas científicas que o autor tomada de assalto define, por exemplo, que para realizar uma transição de gênero

¹ Rafael Medeiros de Oliveira, Mestre em Filosofia pelo IFCS/UFRJ (2017). E-mail: medddeiros@gmail.com

“segura”, seria necessário administrar 250ml de testosterona por semana, até que o sistema médico-legal autorizasse a mudança definitiva. A transição é autorizada com base em protocolos aparentemente rígidos e confiáveis sobre o que é um homem, sobre o que é uma mulher. Ao final, o gênero estaria definido pela quantidade de miligramas de um determinado hormônio e seus efeitos no corpo.

Em entrevista concedida à Dolores Curia, em 2015, Paul Preciado resumiu o objetivo da experiência produzida em *Testo Junkie*: “*A transição em meu ritmo foi uma forma de mediação com a minha própria tradição feminista, de me re-apropriar estrategicamente da masculinidade sem ocupar uma posição normativa*” (PÁGINA 12: 2015). Nesses termos, a “masculinização” de Preciado equivale a uma forma de desconstrução do gênero masculino, enquanto norma naturalizada. A era farmacopornográfica é a estrutura contemporânea dessa naturalização, mas também de microrrevoluções surgidas desses mesmos pressupostos, bioquímicos e biopolíticos.

UMA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA

Testo Junkie radicalizou a crítica contemporânea da construção de gênero, mostrando a utilidade revolucionária que as próprias tecnologias e dispositivos da heteronormatividade podem nos dar. O contexto histórico da crítica de Preciado começa no período pós 2ª guerra mundial, mais especificamente nos anos 70. Com o avanço capitalista e as novas tecnologias de aceleração e transformação produtivas, o sexo e a sexualidade se converteram tecnicamente nos principais objetos da nova política econômica do sexo: a contracepção, a cultura pornô, as cirurgias cosméticas e sexuais, as técnicas psicotrópicas, faloplastias, Viagra, entre outras. Todas elas foram investidas tecnologicamente e atualizadas em um novo campo de discursos sobre gênero, sexo, sexualidade e identidade sexual.

Preciado nomeou de farmacopornográfica a política econômica do sexo no sistema capitalista avançado, no interior da qual novos saberes do campo da medicina, da psicologia e da sexologia expandiram suas fronteiras de regulação biopolítica². Para o

² Assim como previu Foucault em sua teoria sobre o poder, e a capacidade de administração da vida. “O princípio: poder matar para poder viver, que sustentava a tática dos combates, tornou-se o princípio de estratégia entre Estados; mas a existência em questão já não é jurídica, mas biológica, de uma população. O poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população. (Foucault, M. História da Sexualidade 1. A vontade de Saber. 1988, p. 129).

autor: “*Farmacopornográfico se refere ao processo biomolecular (farmaco) e semiótico-técnico (pornográfico) de governo da subjetividade sexual (PRECIADO, 2013: 33. Tradução própria).*”

Na era farmacopornográfica, o corpo sexuado está em relação com as produções de um regime regulatório mais veloz, que implica o sujeito metabolicamente. A sociedade contemporânea é habitada por “subjetividades tóxico-pornográficas”, definidas por substâncias que invadem o metabolismo com ofertas específicas e variadas de desejo “*cibernético, prostético e farmacopornográfico*”, por meio dos quais o sujeito se alimenta. (PRECIADO, 2013: 35. Tradução própria). O caráter “junkie” da era farmacopornográfica atualiza-se nas formas de desejo, produção e consumo heteronormativo da vida. Por isso, para Preciado a era farmacopornográfica é mais micropolítica do que nunca: o poder de captura microbiológica, na forma de tecnologias de gênero, articula-se com a dominação ideológica e a exploração capitalista. Esse poder pressiona as fronteiras do humano a ceder em sua potência de indeterminação, precisamente aquilo que faz do humano uma criação autêntica. As tecnologias de gênero, no limite dessa exploração, regulam a liberdade do sujeito, convocam a subjetividade ao movimento frenético de um prazer-fazer produtivo capitalista.

Na era farmacopornográfica, tão bem descrita em *Testo Junkie*, a construção de gênero se dá em uma arquitetura de produção subjetiva virtualizada. Seus mecanismos são indutores de uma masturbação controlada pela tecnologia de gênero vigente, uma experiência de alucinação farmacológica que expropria a interioridade do sujeito, em troca da maximização produtiva do seu desejo. Os novos dispositivos da tecnologia de gênero são pornográficos no sentido em que se infiltram e dominam os afetos humanos narcoticamente, semioticamente (PRECIADO, 2013: 41). Assim como a economia política do capitalismo avançado, esses dispositivos são globais, promovendo uma mais-valia farmacopornográfica, exigindo dos sujeitos todo o seu poder de ação e de existência, a sua *potentia gaudendi*, que se torna a força de trabalho no regime farmacopornográfico.

Eu chamo de *potentia gaudendi*, ou força orgásmica, a força real ou virtual, da excitação total de um corpo. [Poder de ação e força de existir, como em Spinoza]. A capacidade dessa força é indeterminada; não possui gênero (PRECIADO, 2013: 42. Tradução própria).

Nesse regime, o sexo-gênero está a serviço de uma produção de gozo específica, assujeitando o indivíduo através de recursos bioquímicos, em conjunto com as estruturas da sua própria mente. Dessa forma, o novo corpo humano- que Deleuze³ já havia chamado de “máquina desejante”- é reapropriado pela heteronormatividade, que atualiza a diferença sexual como tecnobiopolítica. Nessa técnica, a heteronormatividade recorta a *potentia gaudendi* e redistribui em um campo de práticas autoregulatórias. Em *Testo Junkie*, o novo corpo humano está imerso em um regime de sexualidade heteronormativo que opera como “tecnologia de procriação politicamente assistida” (PRECIADO, 2013: 47).

Em termos filosóficos, Preciado é altamente foucaultiana. Na *História da Sexualidade I*, Foucault⁴ defendeu que a noção de tecnologia é intrínseca à economia dos discursos. As resistências e os potenciais reagrupamentos que percorrem os próprios indivíduos são considerados regiões irreduzíveis, que não revelam o seu foco. Em *Testo Junkie*, as resistências tornam-se concretas por meio de um esforço ativo de apropriação da substância orgásmica pelo sujeito, isto é, a *potentia gaudendi*. Preciado denuncia o regime farmacopornográfico como a nova arquitetura regulatória, que funde as tecnologias de produção do sexo-gênero ao corpo humano de maneira molecular. Essa nova faceta do regime heteronormativo inaugura, foucaultianamente, uma “História da Tecnossexualidade”. O poder-saber se justapõe ao modo de produção farmacopornográfico, resultando em um amplo e irrestrito “controle somatotécnico da vida” (PRECIADO, 2013: 78-79).

Na era farmacopornográfica, o gênero não seria apenas uma força cultural que vem modificar a base biologicamente determinada do sexo, *performativamente* construído, conforme escreveu Butler⁵. Para além da construção simbólica de uma norma compulsória de gênero e seus efeitos materiais, Preciado considera as práticas sexuais propriamente ditas. As práticas seriam o material de construção de gêneros incríveis, subversivos e revolucionários. A Tecnossexualidade torna-se a subjetividade como um todo, produzida no interior de circuitos tecno-orgânicos, codificados em termos de gênero, sexo, raça e sexualidade, atualizada pelo capital farmacopornográfico circulante (PRECIADO, 2013: 110). *Testo Junkie* reinterpreta, por assim dizer, o vocabulário foucaultiano do poder na *História da Sexualidade I*, e reescreve o contexto histórico do

³ Deleuze, G e Guattari, F. *O Anti-Édipo*. 2015. Editora 34.

⁴ Foucault, M. *História da Sexualidade 1. A vontade de Saber*. 1988, p. 66.

⁵ Butler, J. *Problemas de Gênero*. 2015. Civilização Brasileira.

dispositivo de sexualidade. Por outro lado, evoca uma potência subversiva do corpo precisamente por meio de um desejo indeterminado na origem. Através dessa *potentia gaudendi*, própria do humano, o sujeito estaria apto a resistir politicamente.

Podemos compreender a teoria da sexualidade por trás da experiência de intoxicação voluntária com testosterona, como um tipo de reescrita genealógica-tecnológica do sexo. Nos capítulos em que expõe, de maneira literária e pornográfica, a sua apropriação do gênero masculino, Preciado realiza uma performance foucaultiana nos seus próprios termos. Elabora o funcionamento dos dispositivos regulatórios e do regime de poder da sua época. *Testo Junkie* não é defendido pelo seu autor como biografia, mas como um tipo de ficção política. O seu papel é apontar para um novo campo de construção do sexo-gênero, onde os próprios dispositivos tecnológicos de regulação produzam novos enunciados, novos corpos, novos sujeitos de sexo-gênero. A superação do regime farmacopornográfico, micropoliticamente opressor, requer a imaginação de novas experiências estéticas, tão capazes de anular o ideal biopolítico dominante da heteronormatividade: “*A partir de essências transcendentais capazes de suspender a estética binária, os códigos normativos de reconhecimento visuais, e as convicções psíquicas imateriais (PRECIADO, 2013: 102. Tradução própria)*”.

IRONIA, FILOSOFIA E PÓS-CORPO.

Testo Junkie aposta em uma política materialista da sexualidade, fundamenta os princípios de uma possível sociedade contrassexual, revolucionária, por isso privilegia o ato pornográfico. Não à toa Preciado publica o seu *Manifesto Contrassexual*⁶ originalmente no mesmo período. A contrassexualidade é também uma ficção política, refere-se aos corpos do sistema de gênero linguístico-cultural como pós-corpos⁷, capazes de superar concretamente o regime compulsório do sexo-gênero. No ideal contrassexual, o dildo⁸ é o objeto estético da indeterminação do gênero, e a sua disposição imitativa do pênis denunciaria “a pretensão do pênis em se fazer passar pelo falo” (PRECIADO, 2014: 75).

⁶ Preciado, B. *Manifesto Contrassexual*. 2014. N-1 edições.

⁷ Ibid, p. 43.

⁸ “Objeto maldito, o dildo é a peça que faltava para resolver o enigma paranoico que o sexo lésbico representa dentro de um modelo sexual heterocentrado. É como se ele permitisse responder à pergunta latente: como as lésbicas transam sem pênis?”. Ibid, p. 74.

O dildo subversivo acompanha Preciado durante os 236 dias e noites de autointoxicação relatados em *Testo Junkie*. Nessa experiência, o uso pornográfico da prótese do sexo masculino, paradoxalmente esvazia o ideal de natureza do gênero e permite uma contraprodução da masculinidade dominante. Para Preciado, a política materialista da sexualidade é aquela na qual órgãos sexuais assumem a função de combater a arquitetura biopolítica, que fornece nela mesma a situação para a sua superação. Nesse sentido, a pornografia é ambivalente: imperativo da biopolítica tecnossexual e capacidade instalada de suas próprias falhas. A sua propaganda capitalista é “Foda-se você mesmo”, revelando a implicação do indivíduo nos mecanismos do seu próprio assujeitamento. Por isso mesmo, o regime de poder na era farmacopornográfica pode ruir pelas técnicas da sua própria micropolítica. *Testo Junkie* fala a língua da contemporaneidade, interpreta o modo de vida do regime sexual vigente e descreve com ironia a pornografia que nos governa diariamente:

Pornografia é um dispositivo virtual masturbatório (literário, audiovisual, cibernético (PRECIADO, 2013: 265. Tradução própria). Pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo (PRECIADO, 2013: 266. Tradução própria). Pornografia possui as mesmas características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural: performance, virtuosidade, dramatização, espetacularização, reprodutibilidade técnica, transformação digital e distribuição audiovisual (PRECIADO, 2013: 266-267. Tradução própria). A relação da indústria pornográfica com a indústria cultural e do espetáculo, equivale à relação do tráfico ilegal de drogas com a indústria farmacêutica (PRECIADO, 2013: 267. Tradução própria).

FODA-SE BEAUVOIR? CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um dos relatos de *Testo Junkie*, Preciado se depara reflexivamente com o fantasma do feminino que ainda ameaça o seu corpo, seus pensamentos, durante a experiência com a testosterona.

Quatro dias se passaram sem que eu administrasse nenhuma dose de testogel. Se a minha amante me rejeita, eu sinto o aumento do estrogênio no meu corpo, e percebo que poderia chorar a qualquer momento. Mas eu resisto, para não parecer uma idiota apaixonada. Debaixo da minha pele, o monstro programado na cultura feminina ameaça acordar. Foda-se Beauvoir. Foda-se o feminismo. Foda-se o amor (PRECIADO, 2013: 329. Tradução própria).

De certa maneira, Beauvoir e o feminismo tornam-se inimigos da masculinização química. Esse momento coloca um conflito entre Beatriz e Paul Preciado. A presença da testosterona torna Preciado um junkie sob os efeitos do testogel. A ausência do hormônio torna Beatriz viciada em feminismo. O que se confirma ao final de *Testo Junkie* não é exatamente a definição do gênero de Preciado. Existe uma tensão que perpassa todos os capítulos, teóricos e biográficos, e que diz respeito ao conflito entre vida e morte do sujeito. É como se Preciado levasse às últimas consequências a pergunta sobre os limites da identidade, do sexo e do gênero. Limites concretos que, no entanto, não escapam das ambivalências entre técnica, poder e desejo.

Essa indeterminação é a resposta indesejada à era farmacopornográfica. Talvez a resposta indesejada à própria Preciado, no limite da sua pornografia subversiva que busca superar o ideal normativo a partir do seu corpo. O dilema de Preciado com o feminismo é também pornográfico porque se choca com outras modalidades feministas de subversão, com as quais outras mulheres batalham. Seriam elas bruxas, como Judith Butler, que revelam as ruínas do discurso sobre o gênero sem fazer referências a relações sexuais concretas? Ou exercitaram pouco suas próprias técnicas de gênero? Podemos pensar que, se algumas feministas veem a si mesmas como se fossem mais mulheres do que todas as outras mulheres, talvez Preciado desejasse ser mais homem do que todos os outros homens, no momento imediatamente anterior à superação do gênero masculino propriamente dito. Mesmo assim, Preciado diria “foda-se”, e não ganharíamos a resposta.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. 2015. Civilização Brasileira.

DELEUZE, Gilles e **GUATTARI**, Félix. O Anti-Édipo. 2010. Editora 34.

CURIA, Dolores. La importancia de llamarse Paul. 2015. Página12.

FONTE NA INTERNET: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/1-4022-2015-06-06.html>

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade 1. A vontade de Saber. 1988. Edições Graal. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

PRECIADO, Paul. *Testo Junkie*. 2008. The feminist press.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual. 2014. N-1 edições.